

Resenha
O Paradigma da Criação Transformática
Ensaando critérios para o contemporâneo

Ben-Hur Demeneck¹

SILVEIRA JR., Potiguara Mendes da. *Artificialismo Total: Ensaaios de Transformática: Comunicação e Psicanálise*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006. 236 p.

O livro *Artificialismo Total*, de Potiguara Mendes da Silveira Jr., reúne ensaios de Transformática, teoria psicanalítica da Comunicação desenvolvida por MD Magno (Nova Psicanálise). Constam, entre outros tópicos, comunicação, tecnologia, modernidade, pedagogia, mídia e psicanálise. Uma oportunidade de leitura mais aprofundada e múltipla da teoria transformática e da colaboração de Silveira Jr. para sua divulgação e incremento. Por conta desse histórico do autor, na obra estão presentes desde estudos publicados na década passada como atualmente, imperando a revisão e ampliação dos conteúdos.

Aborda-se nosso atual momento como uma era de abalo crítico aos paradigmas, condição em muito devida às tecnologias surgidas a partir da década de 80 do século XX, como a internet. Recursos que sacudiram as epistemologias, as noções de conhecimento e informação. Outra posição firmada é a aposta num novo modelo teórico, que dê acesso a um estado de superação de recalques de toda ordem: um processo criativo que esteja desimpedido de limitações acumuladas ao longo da história. Considera que nenhum método, por si só, garante a produção de conhecimento. A Transformática se dispõe como portadora de um instrumental que evita um tempo de queda no obscurantismo ou que faça recorrência a processos criativos datados, que serviram até dado momento, mas não respondem a tantas questões contemporâneas.

Os ensaios reiteram o caráter heurístico da teoria, sobrepujando a tradição acadêmica hermenêutica de tantos corpos de conhecimento. Pois o recurso de dissolução de impasses atuais teria prioridade em relação a suas interpretações. Questões que afetam o contemporâneo, originárias recentemente ou há tempos, são apontadas ao longo da obra para que remontem o conflito que representam e o que (supostamente) impõem para

¹ Graduado em Comunicação Social (Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG / PR) com a monografia de final de curso “Um Parangolé Comunicativo: uma leitura da investida transformática”, orientada por Silvio Ricardo Demetrio (2003). Especialista em Jornalismo e Mídia (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC / SC).

sua superação. No arcabouço transformático, uma análise do fundamentalismo religioso levaria à percepção de que ele não possui uma razão de ser, justamente porque a vinculação originária dessa acepção neutralizaria qualquer enrijecimento de formação simbólica. A possibilidade de recorrer a um Terceiro ponto em nosso psiquismo in-diferenciaria o que houvesse em termos de análise – “a Fé diz respeito a um lugar vazio (sem configuração possível) e que é a ele que se dirige a vontade de transcendência que está presente em todas as culturas, isto nos dá condições de considerá-la como prévia e superior hierarquicamente às *crenças* com as quais ela é comumente confundida” (p. 112-113).

O *Artificialismo* do título parte do radical ART, como de algo que articula, que faz artifício, que faz arte. E não é uma alusão pura e simples a um procedimento causado pelo homem. A palavra humanismo não convém a esses estudos pela imprecisão. O *artificialismo* se relaciona ao manejo artístico e político (*est'ético*) da realidade conveniente aos portadores do Revirão, um recurso pulsional. O homem, por trazê-lo consigo, tem como perceber possibilidades de intervenção em tudo que existe (em tudo que *há*), ainda que a reversão de algum empecilho lhe demande extraordinariamente. E à medida que se tem conta de que o Impossível não existe (Ele não *há*, o que existe é só o *Haver*), joga-se com as forças que possui, enquanto não são dissolvidas as maiores resistências entre as *formações* (“toda e qualquer conjuntura destacável, desenhável, dentro do Haver” – p. 197). Seria característica do movimento pulsional um mecanismo de *in-diferenciação* das *formações*, muito pertinente à ação do Novo.

Comunicação

“(a) a teoria completa da comunicação é uma teoria psicanalítica, e (b) a psicanálise é uma teoria plena de comunicação” (p. 1), esses são os pressupostos que a *Transformática* advoga para a Comunicação. Escolhidos dois modelos clássicos desse campo de estudo, o funcionalista e o crítico, temos aí algumas limitações particulares a suas concepções filosóficas. Generalizando, podemos dizer que o pensamento funcionalista possui uma visão gregária da comunicação, de integração, algo de funcional e orgânico para a vida em sociedade. Enquanto que o segundo padrão enxerga o exagero da razão instrumental e os meios de comunicação de massa como redutores da consciência de mundo, dos valores estéticos e da politização do indivíduo. Assim, uma teoria psicanalítica se aproveita da sua especificidade – conceitos como pulsão, transferência e recalque – para analisar questões genéricas ao campo da Comunicação, que envolvam todas as relações do processo comunicativo, não apenas positivas, redutoras ou regionais (cultura). Ou seja, a Comunicação, campo de conhecimento, montada a partir de um repertório teórico que considera essa comunicação intrínseca ao homem.

Para a *Transformática* há duas referências importantes, que fazem uma comunhão mais sintonizada de Psicanálise e Comunicação: Freud e McLuhan. O referencial psicanalítico parte de Freud, das releituras de Lacan e se sofisticava com estudos de MD Magno. E pelo conceito de *Pulsão*, chega-se ao *Revirão*, dispositivo ao qual os homens podem se inteirar da sua capacidade de produção de conhecimento, criação. Em McLuhan, aproveita-se a questão tecnológica como agente de mudança nas percepções individuais e coletivas, afetando noções de tempo, de organização social e saber. Essas aproximações são assunto no segundo capítulo da obra em questão (p. 65-73). No conceito de *prótese* pode-se observar uma adequação do próprio conceito de transferência aplicado às tecnologias, pois seriam elas “extensões do homem”, segundo expressão do estudioso canadense.

Artificialismo Total deixa claro que a Transformática não tem receio de tratar de tecnologia, estabelecendo pontos de encontro que explicitam o entendimento de que elas seriam todas precárias, o que exigiria a “viabilização de *Próteses* mais eficazes, inclusive as psicológicas” (p. 172), para atender às demandas de um mundo cujas leis nos obrigam a “re-historicizar, relativizar e ultrapassar” tudo em que acreditávamos anteriormente. Teríamos saído das amarras sufocantes de uma cultura de massas aplicadora de um “hiper-lichê”, que muito custou a um projeto pedagógico afim aos projetos civilizatórios, para um momento em que tecnologias conduzem a oportunidades de interação e informação totalmente novas. Exemplo se encontra na simulação de idéias, em que se é dado espaço mesmo para “o contrário do que hoje está vigorando como elemento de ordenação mental e sociotécnica”, não precisando “ser exterminado ou excluído odiosamente” (p. 96). Logo, não há aquela corrente implicação do racional versus sensível, pois todo conhecimento passa a ter a mesma potencialidade, sendo o jogo de forças entre as *formações* o que rege a hierarquia. O que não interessa hoje “pode simplesmente ser colocado de lado como passível de utilização para solucionar algum problema futuro” (p. 96).

A Nova Psicanálise e a Transformática surgem contemporâneas a esse movimento tecnológico e de percepção de mundo, anos 1980. Em vez de explorar o processo criativo da ambivalência (típico na Modernidade), apostam em um de *In-Diferenciação*, a partir de balizas do aparato teórico psicanalítico – “só há pensamento criador na freqüentação desse lugar único (sofrido para qualquer um), que não é ambivalência, mas de *In-Diferenciação*” (p. 82). Há uma ilustração disso a partir de mentes como Kafka, Freud, Wittgenstein, que representam o contexto de uma “‘assimilação’ dos judeus pelo germanismo”. Viviam numa situação que os levava a um lugar vazio de referências, e nesse não-espaco tiveram a possibilidade de acessar um processo criativo bastante original, “que os conduzia a virar a situação do avesso” (p. 78-81). Haja vista a suas obras, que não

ficavam como apenas um esforço criativo (que dependeria da mera combinatória de elementos), mas como *Criação*, aquela que, em seu processar, apela para a Indiferenciação.

Pedagogia e o Contemporâneo

O “manejo de mundo” seria, no traquejo lingüístico da NovaMente, algo realizado (como dito acima) *est’eticamente*, isto é, artística e politicamente. Algo a dar conta dos recalques naturais e simbólicos – primários e secundários, respectivamente. Uma consciência de que tanto o mundo da cultura como o da natureza podem ser articulados, avessados. Mesmo o mundo simbólico, que é mais maleável que o natural, pode remontar a uma inflexibilidade típica deste (configurando uma *neo-etologia*). Passo a ser considerado para analisar questões como fundamentalismos, fenômeno freqüente pelo mundo. Os recalques primários, apesar de chegarem a aparentar imutabilidade, podem ser avessados desde que empregados recursos que o permitam. Há tecnologias (*próteses*) que viabilizam a reversão de algumas configurações primárias. Portanto, os ensaios de Silveira Jr. sublinham a ultrapassagem de conceitos recorrentes na chamada civilização, regimes de pensamento que persistem por séculos ou milênios, e que não mais respondem a todos os acontecimentos. Até pelo ineditismo de parcela deles.

O autor defende a aplicação (não epistemológica, mas) gnoseológica de um projeto psicanalítico “suportado em uma hierarquia reconhecida em seu vetor de Indiferenciação”, que “não exclui, mas torna regionais as diferenças promovidas por vínculos menores, usualmente denominados naturais e simbólicos” (p. 189). Pois o único fator comum aos homens seria terem todos um Vínculo Originário. Portanto, um Vínculo Absoluto de seu psiquismo em que “se neutralizam os efeitos de ligações hierarquicamente inferiores” (p. 190).

Nos tópicos 7 e 8, a obra trata de Pedagogia. Ponto em que se pode levantar a questão: se sempre foi um árduo caminho prover algo que disponha o ser humano para seu desenvolvimento completo, para consigo e socialmente, como pensar um “manejo de mundo” adequado a tempos de crise de fundamentos? A vereda viria de uma Pedagogia Freudiana, o que exigiria “o exercício anti-recalcamento permanente de não aceitar o já estabelecido senão como resultado de recalque que, mesmo tendo sido necessário dado momento, é por isso mesmo empecilhador de novos passos” (p. 128). Um projeto que não sobrevalorizaria a inculcação de valores ou a instrução, mas o desenvolvimento pleno das competências humanas (no caso, competências de *IdioFormação*).

Clínica Geral

E a montagem de todo esse pensamento, em suas esferas mais abstratas, recebe pelos capítulos a ancoragem em fatos contemporâneos. Afinal, é razoável a ilustração quando a vocação de uma teoria está mais ao intervir na realidade que em sua interpretação. No nono capítulo, aborda-se mídia e pedofilia, ocasião em que se convida para um exercício de *Clínica Geral*. Aponta para uma distorção que mais serve para ratificação do senso-comum, no caso, num “afã que seria ao mesmo tempo condenatório e expiatório das culturas pequeno-burguesas que envolve o tema da pedofilia no mundo de hoje” (p. 137). O que é chamado de pedofilia pela mídia teria de receber, pelo menos, outro nome. Pois, para o autor, a atração pelas crianças é distante de “investidas corporais exorbitantes dirigidas a elas” (p.135). O âmago do problema seria sobretudo a insistência em reforçar visões antigas para uma realidade totalmente transformada. Uma questão contemporânea em que os critérios adotados para sua lide não levam ao seu entendimento e adequado tratamento.

Num tópico adiante, Silveira Jr. dirige seu ensaio sobre autonomia e autoridade na adolescência nos dias de hoje. Reflexão que muito vale a leitura e releitura. Indo um pouco além na abstração da independência, fala-se em *perversidade social*. Este, um estado advindo de um maquinismo social de comunicação no qual “todos estão implicados, são participantes e patrocinadores ativos” (p. 150). O *perversista* seria um agente instado a reforçar ditames, defendendo-os como universais, querendo fazer “cumprir as leis”. Numa época em que alguns teóricos atestam a existência de uma indiscriminada cultura do pânico, é provocador o pensamento da superação dos reforços dessa ordem *perversista*. Crucial inclusive na hora de respondermos sobre passos futuros, e de demonstrarmos, conforme Silveira Jr., se somos “tão dependentes do passado para não reconhecer o que efetivamente ele já realizou como *independência* em relação aos erros progressos?” (p. 154).

Psicanálise

O livro *Artificialismo Total* mergulha no universo da *Transformática* no intento de esmiuçá-la de acordo com diferentes temáticas. Obra fluente numa teoria ávida em “dar ao campo psicanalítico bases condizentes com a dinâmica para qual têm apontado muitos fatos de nossa contemporaneidade” (p. 174). Além de todo o aparato teórico, chama a atenção o trato lingüístico, seja na aplicação de neologismos, estilo do texto ou na designação de conceitos. O glossário das páginas finais é integral nessa característica.

Desse modo, a exposição da *Transformática* por Silveira Jr. acaba sendo uma meta-exposição dos preceitos de agir político-artístico, pressupostos heurísticos e de expressão. A obra, por si só, é provocadora e serve para nos afetar quanto a idéias que mantemos sobre cosmovisão, tempo e a amplitude do homem, natural e simbolicamente. Uma teoria de comunicação cujo embasamento se interessa na psicanálise dela própria (a começar de sua história) e para a qual “não há psicanálise sem pensar tudo de novo” (p. 142).